

Totem e tabu: um proêmio ao narcisismo (sobre a sexualidade ampliada do complexo de Édipo)^[1]

Ignácio A. Paim Filho^[2]

RESUMO: O presente texto tem o objetivo de estabelecer um diálogo com o pensamento freudiano, visando revisitar as complexidades envolvidas na estruturação do complexo de Édipo. Nesse sentido, o autor se propõe a construir uma ligação entre o trabalho *Totem e Tabu* – destinos dos desejos de Édipo – e “À guisa de introdução ao narcisismo” – origem dos desejos de Édipo, que remete às figuras parentais. Nessa jornada, busca diferenciar a amplitude do complexo de Édipo da concepção restritiva da conflitiva edípica. Com esse contexto como guia, pretende trabalhar esse *shibboleth* com a meta de corroborar a sexualidade ampliada da psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: complexo de Édipo, sexualidade ampliada, narcisismo, conflitiva edípica

1. Trabalho original publicado no livro *Para uma introdução ao narcisismo: reflexo e reflexões* (CEPdePA, 2014). Revisto e ampliado para esta publicação.

2. Psicanalista. Membro titular e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

Rapidamente recuperei meu ânimo e vontade de trabalhar na incomparável bela Roma, e nas horas livres entre visitas a museus, igrejas e a Campagna consegui escrever a introdução sobre *Totem e tabu*, ampliação da conferência feita no Congresso; e um rascunho de ensaio sobre o Narcisismo. (Freud, 1913/1982, p. 353)

Refletir o pensar freudiano sempre é um amplo repto. Nesse sentido revisitar seus textos, mesmo decorridos 100 anos, segue suscitando indagações, inquietações e muitos estranhamentos, acompanhados de uma série de estímulos, produtores de ideias que vão sofrendo enlaces e desenlaces. É em meio a esse cenário que se desenham algumas imagens que vibram em busca de algum nível de materialização através da palavra escrita. Sendo assim, me vejo tomado do desejo de articular dois senhores seculares: *Totem e tabu* (1913/1996) e “À guisa de introdução ao narcisismo” (1914/2004). Essa articulação me aguça os sentidos por trazer para a discussão a interação do complexo de Édipo em seu segmento narcísico e edípico propriamente dito: a sexualidade na sua amplitude e incompletude.

Antes de adentrarmos em nosso tema é importante lembrar que Freud vai ocupar-se da redação desses escritos em meio às suas polêmicas com Jung – delimitadas com precisão no texto *A história do movimento psicanalítico* (Freud, 1914/1996). Jung (1911/2008), em 1911, publicou a primeira parte e, em 1912, a segunda do seu trabalho “Símbolos e transformações da libido”, no qual desenvolve suas ideias a respeito da origem e sentidos da religião e do ser humano, destituindo-os de qualquer vinculação com a sexualidade infantil, considerando a libido uma espécie de elã vital, inflado de uma tendência espiritualista. Por essa linha associativa, *Totem e tabu* e “À guisa de introdução ao narcisismo” também visam elaborar uma resposta a essas questões sobre as origens, porém numa perspectiva que toma como referência os *shibboleth*³ da psicanálise.

Pretendo no decorrer deste texto fundamentar a ideia de que *Totem e tabu* é um proêmio do narcisismo, no sentido de uma abertura e complementariedade entre ambos. Seus nascimentos simultâneos – *introdução e rascunho* – validam tal proposição.

Totem e tabu: uma metapsicologia para os destinos do complexo de Édipo

Chegamos ao ponto de considerar a relação de uma criança com seus pais, dominada como e por desejos incestuosos, como o complexo nuclear das neuroses. (Freud, 1913/1996, p. 37)

3. Freud, a partir de 1914, empenha-se para determinar quais seriam os construtos fundamentais da sua ciência (Freud, 1914/1996). O desafio é lançado justamente no momento em que ocorre a primeira grande ruptura no movimento psicanalítico, tendo Jung como protagonista e Adler como coadjuvante. Nomeia quatro conceitos: sonhos (1914/1996); sexualidade (1919/1998); complexo de Édipo (1920/2004); e inconsciente (1923/2004). Paim Filho (2010), no trabalho “Shibboleth, Freud e o fundamental na psicanálise e no devir analista”, revisita esses postulados visando repensar sua contemporaneidade.

Começamos pelo final do século XIX: Freud em 1897, em carta a Fliess, nomeia pela primeira vez o que virá a ser, em 1910, o complexo de Édipo, vendo nesse uma marca constitutiva e fundante do humano. No decorrer de toda sua obra buscará dar sustentação a essa premissa, fazendo do *Homo sapiens*, dito também “homem sábio”, um sujeito prisioneiro de (des)conhecidos desejos parricidas e incestuosos. Todos fomos e, ratifico, seguimos sendo Édipo: “cada pessoa da plateia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, cada uma recua horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do estado adulto” (Freud, 1897/1991, p. 273). Sendo assim, inspirado por *Édipo Rei*, de Sófocles (430 a.C.), Freud inventa a família edípica.

Discorrendo sobre a especificidade dessa família, encontra novamente na literatura mais um exemplo que fornece ancoragem para buscar a universalidade do drama encenado na tragédia edípica (Freud, 1897/1991, 1900/1996, cap. 5, item D). Dessa vez, sai do teatro grego, encontrando no teatro elisabetano de Shakespeare, o drama de *Hamlet* (1601): a presentificação de um filho culpado, culpado por seus desejos parricidas e incestuosos. A história narra a tragédia edípica do príncipe dinamarquês paralisado diante da determinação do espectro do pai que lhe impõe a tarefa de vingar seu assassinato – cometido por seu irmão Claudius, que ficou com o reino e se casou com a rainha viúva. Freud sustentará a tese de que a impossibilidade de Hamlet executar o desígnio paterno se deve ao fato de Claudius ter realizado em ato aquilo que Hamlet desejava na fantasia: matar o pai e casar-se com a mãe. Nesse sentido esse príncipe atormentado pela impossibilidade de cumprir o seu destino, pela força de um desejo que (des)conhece, pode ser considerado a grande apresentação do Édipo freudiano. Compreendo que esses personagens dão consistência e amplitude ao enunciado sócrático: “só sei que nada sei”.

Desse modo, com *Édipo* de Sófocles e *Hamlet* de Shakespeare, Freud conquista a meta de demonstrar o lugar do complexo de Édipo mais além da clínica, o que propicia condições para que em 1913 escreva o trabalho *Totem e tabu* (1913/1996). Nesse construirá uma teorização metapsicológica a respeito desse complexo, formulando os cursos pelos quais a ontogênese repete a filogênese. Destaco que esse processo está ancorado nas vias identificatórias, com relevante destaque à importância da incorporação do pai assassinado. Nesse trabalho de 1913, estrutura um verdadeiro mito psicanalítico, intitulado em 1921 como mito científico, no qual nos deparamos com a seguinte assertiva: no início dos tempos existia uma horda primeva governada por um macho violento, despótico, ciumento, que mantinha para si todas as fêmeas e expulsava os filhos homens à medida que cresciam. Certo dia, esses machos que viviam no exílio retornam, matam e devoram o pai. Após esse duplo ato, determinam a criação de um totem (representante da figura paterna) e de dois tabus: a proibição do assassinato do totem (parricídio) e a proibição do acesso às mulheres do pai (incesto). Diante do estabelecimento do totem e do tabu se dará a travessia da endogamia para a exogamia.

Essas duas grandes leis, sustenta Freud, estão na base de toda a organização social e psíquica. Na esfera psíquica se fazem presentes no desejo parricida e incestuoso que é interditado pela força do recalçamento; no social pela lei que determina o reconhecimento da alteridade, visando mediar as relações de trocas e alianças entre seus componentes. Talvez pudéssemos dizer que a cultura se apresenta, ou deveria se apresentar, como um corpo de interdições ao qual todos estão subordinados. Aqui lembramos o adágio freudiano, também postulado pelo antropólogo Frazer (citado por Freud, 1913/1996) – “a lei proíbe os homens de fazer aquilo a que seus instintos os inclinam” (p. 129) –, segundo o qual somente há proibição onde há desejo e, mais, onde há sentimentos idênticos (desejos) na vítima e no carrasco, base de todo código penal humano. Como diz Freud, tendo em mente o ato fundador com suas repercussões no nascimento do pai como função, que remete a não ser a lei em si, mas sim o seu representante, “o pai morto tornou-se mais forte do que fora vivo” (p. 146). Sua força é oriunda da instauração do simbólico – avanço do ato para o pensamento. Pensamento que implica um postergar da realização do desejo, o que propicia ir além da via curta de uma satisfação limitada para uma via longa com múltiplas formas de gratificação.

As ideias desenvolvidas nesse trabalho centenário, repleto de complexidades, seguem instigando o pensador Freud por toda sua vida. Nesse sentido, irá produzir alguns trabalhos lapidares, como, em 1921, “Psicologia de grupo e a análise do ego” (1921/1996). Nesse encontramos suas especulações sobre as identificações – tendo como paradigma o lugar do pai morto – e seu caráter estruturante da psique e dos agrupamentos sociais. Em 1927 publicou dois trabalhos, “Dostoiévski e o parricídio” (1927/1996a) – a força e apresentação do desejo parricida e incestuoso sendo encenado na horda primeva dos Karamazov – e “O futuro de uma ilusão” (1927/1996b), do qual sobrevém a importância do pensamento religioso na constituição da individualidade e da coletividade e sua consequente origem a partir do universo totêmico: o assassinato de Cristo (deslocamento de Deus/Pai), a culpa (o pecado original), a renúncia e o reencontro explicitado no rito da comunhão cristã – refeição totêmica: o corpo e o sangue de Cristo. Finalmente, em um de seus últimos trabalhos, “Moisés e o monoteísmo” (1939/1996) – assassinato de Moisés no deserto pelos hebreus –, corrobora e enfatiza o lugar central dos desejos parricidas e incestuosos na conformação do humano e seu meio social. Percebe no monoteísmo uma reedição da força estruturante do pai morto, uma espécie de segundo ato fundador, que tem no assassinato de Cristo uma reedição: reafirmação da ordem cultural, que determina um eterno referendar do lugar do totem, agora colocado em Deus/Pai.

Dando sequência e fazendo um fechamento do enunciado de 1897 em seu artigo inacabado e publicado postumamente, “Esboço de psicanálise” (1940/1996), faz a seguinte afirmação: “aventuro-me a dizer que, se a psicanálise não pudesse gabar-se de mais nenhuma realização além da descoberta do complexo de Édipo reprimido, só isso já lhe daria direito de ser incluída entre as preciosas novas aquisições da humanidade” (p. 206).

Eis aqui, sinteticamente, a tese freudiana sobre o advento da cultura e do sujeito: Assassinato (nascimento do pai como função); Devorar (identificação/saudade do pai morto); Renúncia (sagrado/não profanar o corpo da mãe); e Lei (proibição).

Após esse rápido percurso pelas origens e destino das proposições estruturadas em *Totem e tabu*, parece-me que uma pergunta se estabelece: o que fez Freud seguir trabalhando obstinadamente essa temática por mais de 40 anos, tal qual Moisés pregando no deserto? Julgo que o fez em decorrência da necessidade de corroborar suas teses, bem como de evocar e convocar os analistas para que não desconsiderassem o lugar do complexo de Édipo e do complexo de castração no acontecer e no desenrolar da humanização do bicho homem. Seguindo nessa trilha, por exemplo, é importante anteciparmos um esclarecimento: o complexo de Édipo é mais amplo que a conflitiva edípica. Como está posto nesse trabalho secular de Freud, o complexo está presente desde o momento em que de dois se faz três, ou, sendo mais fidedigno, todo o humano já nasce inserido na cultura e, portanto, tendo que haver-se com as leis que lhe dão fundamentação. O que está implícito e necessitará tornar-se explícito, como veremos no texto de 1914 sobre o narcisismo, é como vai se dar a configuração dos personagens do complexo Laio, Jocasta e Édipo enquanto representantes da família edípica: fusão/discriminação ou, ainda, indiferenciação/diferenciação. Por outro lado, a conflitiva apresenta-se na medida em que as diferenças vão se fazendo acontecer, denunciando a singularidade dos personagens, atingindo o ápice quando do aparecimento da angústia de castração. Esta marca um progresso fundamental na constituição da psique e do social: entram em consideração os limites do meu desejo diante do desejo do outro, possibilidade de um pensamento científico, mediado por um adequado destino sublimatório,^[4] sendo este compreendido como fonte de criação.

Narcisismo: uma metapsicologia para as origens do complexo de Édipo

O amor da mãe pela criança que ela amamenta e cuida é muito mais profundo que o que sente, mais tarde, pela criança em seu período de crescimento. Sua natureza é de uma relação amorosa plenamente satisfatória, que não somente gratifica todos os desejos mentais, mas também todas as necessidades físicas ... satisfazer, sem reprovação, desejos impulsivos há muito reprimidos. (Freud, 1910, p. 123)

Estando posto o lugar paradigmático de *Totem e tabu* (1913/1996), referência maior para uma elucidação metapsicológica do complexo de Édipo, estamos aptos a adentrar no universo do desejo narcísico, desejo esse que entra em cena, não

4. Essa ideia é desenvolvida no texto “O ser contemporâneo: entre pensamento religioso e o científico (por um reinvestimento do processo sublimatório)” (Paim Filho, 2015), em que se trabalha o lugar da sublimação na constituição da psique e do meio social. Propõe-se que a possibilidade de um reinvestimento do processo sublimatório venha a cumprir a função de dar uma nova configuração ao pensamento científico.

por acaso, um ano depois da publicação do trabalho que confere uma constituição singular para o desejo edípico. Acredito que Freud sentiu a necessidade de realizar essa regressão – temporal, topográfica, dinâmica – que provavelmente sua vivência clínica e de seus colegas psicanalistas, tais como Abraham e Ferenczi, lhe demandavam: falar do mais primitivo, do que pertence ao complexo de Édipo como origem, e não com destino. Poderia dizer que em *Totem e tabu* temos o foco centrado numa triangulação passível de ser efetuada, no qual o Eu e o não-Eu estão discriminados, enquanto, com o texto de 1914, “À guisa de introdução ao narcisismo” (1914/2014), o seu pensar é enlaçado pelo arcaico, pelo que nos constitui e por quanto os objetos primordiais são fundamentais para as bases estruturantes do Eu. Sendo assim, a psicose apresenta-se como uma estrutura privilegiada para revelar o originário. Nesse sentido o texto de 1913 está edificado no destino do rei Édipo – casar-se com a mãe e matar o pai – ou, ainda, no do príncipe dinamarquês diante do seu eterno conflito, “ser ou não ser” – incestuoso e parricida. Por outro lado, com o trabalho de 1914, Freud nos permite refletir, explorar, fantasiar metapsicologicamente e inquirir sobre as origens de Édipo e de Hamlet: qual o lugar de Laio e Jocasta nessa tragédia, bem como o de Hamlet Rei e Gertrudes?^[5] Essa possibilidade se abre para vislumbrar a força do desejo parental vinculado a Narciso e Édipo. E falando em desejo parental, lancemos um olhar para alguns dados que nos são fornecidos no texto inaugural da metapsicologia que será desenhado em 1915 (Freud, 1914-1916/1996).^[6] Entretanto, antes de nos embrenharmos no território do narcisismo, faz-se necessário tecermos alguns comentários sobre o percurso trilhado sobre o mito de Narciso até tornar-se um conceito psicanalítico.

Na mitologia grega, narciso designa o amor de uma pessoa por si mesma. Segundo Junito Brandão (1996), não se trata de palavra grega. Contudo, propõe uma aproximação com *nárke*, que tem o sentido de entorpecimento, torpor e narcose.

A versão mais difundida do mito pertence a Ovídio, relatada na terceira parte de suas *Metamorfoses* (8 d.C.). Narra o mitólogo que Narciso foi destinado a apaixonar-se pela própria imagem refletida numa fonte de águas cristalinas – amar um amor impossível –, castigo auferido por Nêmesis – a punidora das injustiças praticadas – a pedido das ninfas injuriadas pelas recusas do rapaz a aceitar o amor delas. Tal estado de paixão o impossibilitou de afastar-se do objeto do seu desejo: a imagem fugidia que o embevecia. Narciso deixa-se morrer tragado por uma imagem que não produz imaginação. No local de sua morte, à margem da fonte, nasce a flor narciso. Esta ficará vinculada ao sono da morte. Disso resulta seu duplo sentido sono (morte)/renascimento.

5. No trabalho “Perséfone, Hamlet e a vida cotidiana: o trágico na cultura” (Paim Filho et al., 2005), os autores abordam o tema do filicídio, lançando um olhar para o papel das figuras parentais no destino trágico desses filhos.

6. No capítulo de introdução do livro *Metapsicologia: um olhar à luz da pulsão de morte* (Paim Filho, 2014), o autor aborda o lugar do narcisismo como texto de corte e abertura da metapsicologia trabalhada por Freud em 1915, como o lugar de relevância para uma possível metapsicologia da pulsão de morte.

Essa flor, de extrema beleza, encontra-se associada a um perfume soporífero e estupefaciente. Floresce e fenece com brevidade. Renasce a cada chegada da primavera.

No final do século XIX, a tragédia de Narciso transpõe o universo da mitologia grega e encontra guarida em pensadores que se ocupam das “aberrações sexuais”. Narra a história que, em 1887, o psicólogo francês Alfred Binet vai nomear de narcisismo, pela primeira vez, uma forma de fetiche que toma a própria pessoa como objeto sexual. Em 1898, o inglês Havelock Ellis, médico, escritor e fundador da sexologia, chamará de narcísico esse tipo de comportamento perverso. Um ano depois, em 1899, o psiquiatra e criminologista Paul Näcke, a partir das ideias de Ellis, insere essa concepção na cultura alemã. Poderíamos dizer que até esse momento, para os sexólogos, o narcisismo está implicado na “perversão sexual”, portanto vinculado à patologia. É somente em 1908 que o psicanalista austríaco Isidor Sadger introduz o narcisismo na terra psicanalítica, avançando em relação aos seus predecessores, colocando o narcisismo como um estágio da psicosexualidade humana.

Freud, seguindo por essas trilhas nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/1996), em nota de rodapé de 1910, falará pela primeira vez em narcisismo, tomando por referência o tipo de escolha objetal feita na homossexualidade. Concomitante a essa nota, em seu escrito sobre Leonardo da Vinci (1910/1996) e no caso Schreber (1911/1996b) referenda a proposição de Sadger, considerando o narcisismo um estágio constitutivo: “pesquisas recentes dirigiram nossa atenção para um estágio do desenvolvimento da libido, entre o autoerotismo e o amor objetal. Esse estágio recebeu o nome de narcisismo” (1911/1996, p. 68). No terceiro capítulo de *Totem e tabu* (1913/1996), encontramos uma definição semelhante. Contudo, é somente em 1914 que o conceito de narcisismo adquiriu o status fundante da metapsicologia freudiana, deixando de ser estágio para ser estrutural: “o desenvolvimento do Eu consiste em um processo de distanciamento do narcisismo primário e produz um intenso anseio em recuperá-lo” (Freud, 1914/2004, p. 117). Entra em cena a segunda dualidade pulsional – libido do Eu versus libido objetal –, com seu movimento de gangorra. Com essa nova dualidade, a pulsão de autoconservação passa a ser libidinizada. Sendo assim, o não sexual fica excluído da vida psíquica até 1920, quando ressurgiu com o postulado da pulsão de morte.

Debrucemo-nos sobre alguns dados introdutórios que nos são fornecidos nesse tratado a propósito do narcisismo – verdadeiro catalizador e propulsor de um novo pensar, um pensar que contempla a ideia do narcisismo primário. Um produto da *nova ação psíquica*, que determina a passagem do autoerotismo, esse narcisismo se faz a partir do investimento das figuras parentais. É o que confere consistência à “sua majestade o bebê”, estado que remete à plenitude – desejar é tal qual realizar: ser um só com as figuras parentais. A referência de ser duplo ganha contornos relevantes na estruturação do Eu-ideal, que julga a partir dos atributos de bom/mau: se é bom é meu, se é mau é coisa do mundo. Diante de tal contexto, somente há espaço psíquico para a homeostasia de Narciso, ápice do princípio do prazer purificado.

Cumpra assinalar que o Eu-ideal, que tem como motor o desejo narcísico, é a fonte da qual emanam as potencialidades destrutivas e construtivas do aparelho psíquico. Pelo viés da destrutividade temos a presença de um Eu-ideal que está vinculado excessivamente a mandatos endogâmicos – “filho(a), és somente meu(minha)”. Mandatos que dificultam o trabalho de transformação necessário para o alvorecer do Ideal de Eu, com seus mandatos exogâmicos – “filho(a), vai e busca uma casa e um(a) parceiro(a) para ti” –, emergir do desejo edípico: possibilidade de construção do vir a ser singular. Nesse cenário vigora a lei que instaura a interdição. O recalque pode cumprir sua função de contenção e transformação do desejo, pois o Ideal de Eu mantém em si a promessa de uma renúncia em nome de um porvir. Cabe lembrar que esse “ideal de ...” também é o mediador da sublimação, destino que oferece uma satisfação ao desejo com mais liberdade pulsional.

Narciso fazendo-se Édipo: por uma terceira ação psíquica

O que hás herdado de teus pais.

Adquiri, para que possuas.

– Johann Wolfgang von Goethe, *Fausto*

Antes de seguir articulando proposições que visam oferecer um caminho para nos havermos com a estruturação do psiquismo, é necessário sublinhar e esclarecer como se mantém na obra de Freud a relação do narcisismo com o Édipo propriamente dito. De maneira ampla, pode-se dizer que, depois de 1914, Freud não se ocupa da temática que faz de Édipo um herdeiro de Narciso – aquele que é habitado pelo desejo filicida: “a criança deve satisfazer os sonhos e os desejos nunca realizados dos pais, tornar-se um grande homem e herói no lugar do pai, ou desposar um príncipe, a título de indenização tardia da mãe” (Freud, 1914/2004, p. 110). Parece-me que essa concepção embrionária sofreu o destino, tal qual o mito que lhe deu origem, do sono da morte. Freud, como pode ser visto nas páginas iniciais deste trabalho, manteve seu olhar direcionado de forma enfática para os destinos do Édipo propriamente dito, com seus desejos parricida e incestuoso. Fazer desdobramentos de suas ideias é a herança que nos legou. Sendo assim, sigamos explorando ideias.

Com expectativa de produzir ressonâncias e desassossego, levanto mais algumas interrogações: o que nós analistas pensamos sobre esse mito fundador – “preciosa aquisição da humanidade” – quando contemplamos sua constituição se estabelecer na interação de Narciso e Édipo? Se assim o for, como se efetua a travessia? Estaria implicada a necessidade de uma terceira ação psíquica ou, ainda, de uma *nova nova ação psíquica*?

Temos aí questões audazes, porém relevantes, na medida em que acredito na legitimidade e na necessidade de seguirmos fazendo falar o mito fundador freudiano que, ratifico, tem como pedra angular Narciso e Édipo, o que faz mais *preciosa* essa *aquisição*, uma vez que integra e estabelece um diálogo entre os componentes da

família edípica. Nesse sentido, vejamos por quais percursos podemos levantar respostas para os interrogantes enunciados. Penso na possibilidade de uma terceira ação: a *nova nova ação psíquica*. Entretanto, antes de nos aventurarmos sobre seus enigmas, façamos um pequeno parêntese pela sua pré-história. Como sabemos, Freud não especificou como se dá a nova ação psíquica, porém faz sentido acompanhar o pensar de Marucco (1998) que a propõe como a “identificação primária passiva” (p. 71). Esse autor formula essa hipótese a partir do conceito de *identificação direta e imediata* proposto por Freud (1923/2004), que consiste no ser identificado. Outro interrogante que convoca para uma tomada de posição, visando fazer trabalhar o enigma dessa “nova ação”, é: se essa é *nova*, existiria uma “velha”? Sim, penso na *ação específica* proposta no “Projeto para uma psicologia científica” (Freud, 1985/1996), que não é ainda psíquica, mas se constitui como responsável pela criação do psíquico. Vejo nela uma precursora das ações que estão por vir, específicas em suas “inespecificidades”. Por esse caminho se faria a travessia entre as grandes necessidades da vida – alimentação, respiração, sexualidade: *ação específica* – para o grande desejo da vida – ser sua majestade o bebê: *nova ação psíquica*. Sendo factível a ideia de uma *nova nova ação psíquica*, essa seria decorrente das identificações secundárias, “identificar-se com ...”, permitindo a travessia do grande desejo com suas certezas alienantes para um desejo, não tão grande, marcado pela alteridade, na qual a incerteza é sempre uma possibilidade: Narciso fazendo-se Édipo – de uma triangulação fusional para uma triangulação com discriminação.

Dando sequência à ideia dessa terceira ação, ênfase: essa *nova nova* está edificada na preponderância das identificações edípicas, que rompem com as identificações narcísicas, que são alienantes, remetem a ser o duplo das figuras parentais com seus desejos narcísicos ou, ainda, como diz Freud, de Deus/Pai – império da tragédia narcísica. Vale recordar que essas identificações, quando petrificadas pela força do traumático, por uma pulsão de morte precariamente domesticada pela pulsão sexual, padecem da eterna repetição do mesmo, enquanto as edípicas resultam do encontro criativo entre a força demolidora da pulsão de morte e a força construtora de Eros, trazendo em sua essência a força de um desejo recalcado, uma interdição que viabiliza um abdicar em nome da eterna busca de um reencontro, de um encontro que nunca ocorreu. Portanto, se a *nova ação psíquica* funda o Eu-ideal e o narcisismo primário, realizando uma abertura para a constituição do estado de desejo – cenário do idílio incestuoso – a partir do investimento parental, a *nova nova ação psíquica* funda o Édipo propriamente dito com seu Ideal de Eu a partir do contrainvestimento parental – instauração de um corte. Nesse sentido, essa terceira ação psíquica está intimamente relacionada com o recalçamento.

Portanto, de forma esquemática temos a seguinte configuração: ação específica (primeira ação) funda o psíquico; a nova ação psíquica (segunda ação), identificação primária, funda o narcisismo e o Eu; e a *nova nova ação psíquica* (terceira ação), identificação secundária/recalque, funda o Édipo propriamente dito.

Ao percorrer esse roteiro constituído de três grandes atos podemos vislumbrar o processo de estruturação do complexo de Édipo, processo esse que denuncia a humanização do homem e de seu meio cultural que ocorre na interação do desejo narcísico versus o desejo edípico. Aponta que o desejo narcísico está para o filicídio⁷ assim como o desejo edípico está para o parricídio: ambos têm em sua origem a vivência incestuosa.

Encerrando, assinalo que o mito freudiano das origens, em seu duplo vértice narcísico e edípico, traz em sua inscrição originária a eterna proposição de que o humano possa beneficiar-se de uma maior liberdade pulsional a partir do confronto com o horror de conhecer, que remete a um constante fascínio de não conhecer – processo de elaboração que a triangulação edípica propicia: da abertura de Narciso com sua promessa de imortalidade para o corte de Édipo com seu anúncio da mortalidade. O terceiro é aquele que contém em si a interminável presença de uma ausência, o que me faz propor a necessidade de manter o complexo de Édipo – com sua sexualidade ampliada – inserido em nossa vida cotidiana. Que Narciso e Édipo, ao se encontrarem nos desfiladeiros da vida, possam dar passagem para seus pensamentos e se interrogar: qual minha origem? Quem sou? Para onde vou?

Tótem y tabú: un preámbulo al narcisismo (sobre la sexualidad ampliada del complejo de Edipo)

Resumen: El presente texto tiene el objetivo de establecer un diálogo con el pensamiento freudiano con la intención de rever las complejidades involucradas en la estructuración del complejo de Edipo. En este sentido, el autor propone construir un nexo entre los textos de *Tótem y tabú* –el destino de los deseos de Edipo– y “Introducción al narcisismo” –el origen de los deseos de Edipo que remite a las figuras parentales. En este recorrido, busca diferenciar la amplitud del complejo de Edipo de la concepción restringida del conflicto edípico. Teniendo como guía este contexto, pretende trabajar el “shibboleth” con el objetivo de corroborar la sexualidad ampliada del psicoanálisis.

Palabras clave: complejo de Edipo, sexualidad ampliada, narcisismo, complejo edípico

Totem and taboo: a proem to narcissism (on the enlarged sexuality of Oedipus complex)

Abstract: This paper’s objective is to establish a dialogue with Freud’s theories, seeking to revisit the complexities involved in the shaping of the Oedipus complex.

7. Paim Filho e Borges (2014), no capítulo “Sobre o filicídio: uma introdução”, trabalham a proposição do filicídio estruturante, ou seja, a importância de que pais viabilizem o acontecer da “criança maravilhosa”, bem como da “criança maldita” – a que denuncia o terror da castração.

In this regard, the author intends to build a connection between *Totem and taboo* – the destination of Oedipus' desires – and “On narcissism: an introduction” – the origin of Oedipus' desires, which refer to parental figures. In this journey, the author attempts to distinguish between the range of Oedipus complex and the restrictive conception of Oedipal conflict. Taking this context as a guide, the author intends to work this *shibboleth*, aiming at backing up psychoanalysis' enlarged sexuality.

Keywords: Oedipus complex, enlarged sexuality, narcissism, Oedipal conflict

Referências

- Brandão, J. S. (1996). O mito de Narciso. In *Mitologia grega* (Vol. 2, pp. 173-190). Vozes.
- Freud, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 1. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)* (J. Salomão, Trad.; pp. 335-413). Imago. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (1996). *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 4. A interpretação dos sonhos (1) (1900)* (J. Salomão, Trad.; pp. 131-155). Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 7. Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)* (J. Salomão, Trad.; pp. 119-231). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1996). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 11. Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910)* (J. Salomão, Trad.; pp. 67-141). Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (1996). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 12. O caso Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)* (J. Salomão, Trad.; pp. 15-96). Imago. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (1996). Totem e tabu. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 13. Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914)* (J. Salomão, Trad.; pp. 13-191). Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1996). A história do movimento psicanalítico. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 14. A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)* (J. Salomão, Trad.; pp. 15-108). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1996). *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 14. A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)* (J. Salomão, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1914-1916)
- Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e a análise do ego. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 18. Além do princípio do prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)* (J. Salomão, Trad.; pp. 79-154). Imago. (Trabalho original publicado em 1921)

- Freud, S. (1996a). Dostoiévski e o parricídio. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 21. O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)* (J. Salomão, Trad.; pp. 181-200). Imago. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (1996b). O futuro de uma ilusão. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 21. O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)* (J. Salomão, Trad.; pp. 15-71). Imago. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (1996). Moisés e o monoteísmo. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 23. Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)* (J. Salomão, Trad.; pp. 15-155). Imago. (Trabalho original publicado em 1939)
- Freud, S. (1996). Esboço de psicanálise. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 23. Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)* (J. Salomão, Trad.; pp. 153-229). Imago. (Trabalho original publicado em 1940)
- Freud, S. (1982). Carta de Freud a Abraham de 21/09/1913. In *Correspondências de amor e outras cartas: 1873-1939* (A. S. Santos, Trad.; pp. 353-354). Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1991). Carta de 15 de outubro de 1897. In J. M. Masson (Ed.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904* (V. Ribeiro, Trad.; pp. 271-274). Imago. (Trabalho original publicado em 1897)
- Freud, S. (1998). Carta de 27/05/1919. In E. L. Freud & H. Meng (Orgs.), *Cartas Freud & Pfister (1909-1939): um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã* (K. H. K. Wondracek e D. Junge, Trans.; pp. 92-95). Ultimato. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In *Escritos da psicologia do inconsciente* (L. A. Hans, Trad.; Vol. 1, pp. 95-132). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2004). Além do princípio do prazer. In *Escritos da psicologia do inconsciente* (L. A. Hans, Trad.; Vol. 2, pp. 123-198). Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2004). O eu e o id. In *Escritos da psicologia do inconsciente* (Luiz Alberto Hans, Trad.; Vol. 3, pp. 13-92). Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Jung, C. (2013). *Obra completa: 5. Símbolos da transformação* (E. Stern, Trad.). Vozes. (Trabalho original publicado 1911)
- Marucco, N. C. (1998). Introducción de [lo siniestro] en el yo. In *Cura analítica y transferencia: de la represión a la desmentida* (pp. 67-77). Amorrortu.
- Paim, I. A., Filho. (2010). Shibboleth, Freud e o fundamental na psicanálise e no devir analista. In V. F. Souto (Org.), *Formação analítica: fatos e versões* (pp. 71-84). Letra e Vida.
- Paim, I. A., Filho. (2014). Uma proposição em busca de interlocução. In *Metapsicologia: um olhar à luz da pulsão de morte* (pp. 15-24). Movimento.
- Paim, I. A., Filho. (2015). O ser contemporâneo: entre o pensamento religioso e o científico (por um reinvestimento do processo sublimatório). *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(1), 193-206.
- Paim, I. A., Filho, & Borges, G. (2014). Sobre o filicídio: uma introdução. In Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (Org.), *Para uma introdução ao Narcisismo: reflexos e reflexões* (pp. 285-296).
- Paim, I. A., Filho, Costa, A. C. P. C., & Schoeler, D. L. (2005). Perséfone, Hamlet e a vida cotidiana: o trágico na cultura. *Revista da SPRGS*, 4, 29-40.

Ignácio A. Paim Filho

Endereço: Rua Félix da Cunha, 737/410. Porto Alegre/RS.

CEP: 90570-001

Tel.: (51) 3321-3285

E-mail: ignacio.a.paim@gmail.com